



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita ao Japão

Toya, Japão, 09 de julho de 2008

Jornalista: Terceiro mandato?

Presidente: Não. Para 2016, (inaudível), meus filhos.

Jornalista: Para ganhar tem que (inaudível) de novo (inaudível)

Presidente: Eu penso que nós vamos competir com países muito fortes. Mas eu penso que a possibilidade de convencê-los também, sobretudo por conta da experiência dos Jogos Pan-Americanos no Brasil, que eles ficaram entusiasmados com a organização e a segurança. E depois, não pode ser um privilégio do Primeiro Mundo fazer Olimpíada. Afinal de contas, cadê o caráter universal dos Jogos Olímpicos? A Copa do Mundo já está mais democratizada... Mas vai ser bom. Eu não ia não, mas agora tenho que ir, depois que o Rio foi escolhido eu tenho que ir porque, senão, vão estar lá os outros... Acho que o primeiro-ministro japonês me parece que vai lá, me parece que vai o Zapatero. Então, tenho que pelo menos ficar grudado neles, para não deixar que eles peçam votos sozinhos. Há uma grande diferença nos votos. Veja, a América do Sul todinha, tem só quatro votos. Só a Suíça tem quatro. É porque o critério do Comitê Olímpico é assim. A Itália tem cinco votos, a Itália sozinha tem mais votos que a América do Sul. A Europa tem 50% dos delegados. Então, é um trabalho mais duro, é um trabalho de conversar, fazer boca-de-urna, mas vamos fazer. Eu acho que o Brasil, até 2016 já virou uma grande potência, já estará com todas as condições.



Jornalista: E aí o senhor abre as Olimpíadas no Rio de Janeiro, é isso, é essa a idéia?

Presidente: Não. Eu estarei lá como esportista, se Deus quiser.

Jornalista: Como esportista?

Presidente: É. Eu fui medalhista de ouro em futebol de salão, fui de handebol. Só não joguei basquete porque a minha bursite não deixou. Essa minha bursite, eu acho que é do tempo em que eu joguei handebol no Senai.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Deixe-me fazer uma pequena introdução, para vocês fazerem as perguntas. Eu fui convidado pela primeira vez para participar do G-8 em Evian, e de lá para cá, só não participamos nos Estados Unidos, porque o nosso amigo Bush não quis fazer o G-13. Eu posso testemunhar para vocês o avanço que nós tivemos em cada reunião e, mais importante, a evolução da consciência de que não é possível mais, seja G-8, G-5, G-4, se reunir sem levar em conta as mudanças que houve na economia mundial nos últimos 10 anos.

Hoje, querer discutir economia, querer discutir ambiente, sem levar em conta a existência de países como Brasil, China, Índia, África do Sul e México – e tem outros ainda, que precisam entrar – eu diria, se não levar em conta o G-20, poucas coisas podem ser feitas com uma certa unidade. Eu acho que as pessoas estão tendo essa compreensão. Normalmente você pode encontrar um ou outro que tenha resistência, porque ninguém gosta de abrir as portas do seu clube para migrantes. Mas o dado concreto é que nós somos migrantes importantes, e cada vez mais vamos ganhar importância.



O presidente Berlusconi anunciou hoje uma coisa importante. No ano que vem, na Itália, haverá um dia do G-8, haverá um dia inteiro do G-8 com o G-5, e haverá um dia do G-13 com os países africanos. É uma evolução extremamente importante, e vários presidentes já estão defendendo a idéia de que é preciso ter um bloco só e discutir as coisas conjuntamente. Eu estou convencido de que nos próximos anos isso irá se concretizar. Essas coisas nunca são fáceis, porque se uma simples negociação que a gente faz para comprar um carro às vezes demora e não tem acordo, uma simples negociação sindical demora às vezes um mês, um mês e meio para resolver, na relação entre Estados demora muito mais, e nós temos apenas que trabalhar com o objetivo de concretizar isso.

Eu acho que foi importante o Brasil poder colocar algumas coisas que nós colocamos na reunião. A primeira coisa que eu levantei foi a questão da migração. O Brasil se sente muito à vontade para falar da migração, porque o Brasil tem uma experiência histórica em cuidar de imigrantes. Nós, há muitos séculos, recebemos imigrantes. Alguns vieram para ficar definitivamente, mas, sobretudo, o tratamento que o Brasil com a da entrada dos alemães em 1950, depois a dos italianos em 1875, depois os espanhóis, depois os japoneses e, mais recentemente, muita gente da América do Sul, é o tratamento que nós queremos que dêem aos emigrantes brasileiros e aos emigrantes latino-americanos.

Nós temos consciência de que é sempre um problema, mas que nunca pode ser tratado como um problema de polícia, tem que ser tratado como um problema social, um problema de desenvolvimento econômico. Eu fiz questão de dizer isso, porque se nós não tivermos uma disputa política, vai ficando uma coisa, mais ou menos, como em uma casa de gente que vai ficando rica, que vai ascendendo. Às vezes a gente acha tudo isso muito difícil, mas se a gente pegar a experiência de vida de cada um de nós, vamos perceber que à medida em que um parente nosso vai ascendendo na vida social e vai crescendo, ele



vai deixando de convidar os outros para a sua casa. É verdade, ele vai colocando cada vez mais um portão de ferro para dificultar a entrada, é assim. E os países ricos fazem exatamente isso. O que eu estou dizendo aqui vale para a família de vocês, vale para a minha, e vale muito mais para os Estados.

Os países ricos acham que os pobres incomodam, quando na verdade, os pobres ajudaram esses países a se desenvolver. São 35 milhões de hispânicos nos Estados Unidos, que certamente contribuíram muito para que os Estados chegassem ao ponto de ser uma nação importante. E assim na Europa, os turcos devem ter ajudado muitos países a se desenvolverem. Eu acho que só tem um jeito para a gente diminuir a migração e evitar que ela aconteça: é só esses países se desenvolverem. E para se desenvolverem é preciso mudar a lógica das relações entre os países até agora. Por isso nós estamos fortalecendo e forçando a negociação na Rodada de Doha, porque se não houver flexibilidade dos países ricos, primeiro, do mercado europeu abrir para os produtos agrícolas dos países mais pobres, e se não houver o fim do subsídio, a chance desses países pobres de desenvolverem é muito mais difícil e a chance deles serem emigrantes é muito mais fácil.

Então, a lógica é trabalhar para que esses países se desenvolvam, para que as pessoas tenham oportunidade de trabalho nos seus países, tenham renda e tenham o que comer. Esse é um assunto importante, que eu fiz questão de levantar na reunião e, depois, conversar pessoalmente com alguns companheiros europeus, porque o Parlamento europeu tratou isso com muita dureza.

A segunda coisa que eu queria discutir no G-8 – e foi possível ter uma boa discussão porque nós começamos no café da manhã discutindo um tema e não entrou apenas um tema, entraram todos os temas – era a questão do preço dos alimentos. Eu sugeri que, entre outras coisas, era preciso que nós tivéssemos, não apenas um discurso comum, mas um diagnóstico comum do que está acontecendo hoje no mundo, com o alimento, por que está



acontecendo a subida do preço dos alimentos, mesmo aqueles que não são *commodities*, e ao mesmo tempo, depois desse diagnóstico, tomarmos algumas decisões. E aí, cada um tem um diagnóstico. Os mais precipitados acham que o biocombustível é o responsável e a gente tem que fazê-los entender, a toda hora, que com exceção do milho norte-americano, não tem nenhuma novidade na área do biocombustível, a não ser o Brasil continuar sendo um grande produtor de biocombustível, e anunciar que 90% da frota de carros novos brasileiros são *flex fuel*. Não tem nenhuma novidade. O Brasil continua produzindo onde produzia, como produzia, e aperfeiçoando.

Ao mesmo tempo, ninguém quer discutir os efeitos do preço do petróleo nos alimentos, o quanto custa a questão do petróleo no custo do combustível. No Brasil, que é um País moderno, de agricultura moderna, que é um país auto-suficiente em petróleo, o custo da energia significa um aumento de 30% no custo do alimento. Eu fico imaginando nos países menores, que não têm petróleo, como isso dever ser muito mais caro. Segundo, porque isso implica nos fertilizantes que dependem dos derivados do petróleo, isso implica no frete e na questão da energia produzida. Então, é preciso ter o diagnóstico correto.

Da mesma forma que eu disse, textualmente, que o Brasil não vê a questão da subida dos alimentos como um problema, o Brasil vê isso como uma grande oportunidade para a gente voltar a produzir muito mais. Nós temos terra, temos sol, temos água e temos tecnologia. O Brasil montou um escritório da Embrapa em Gana, na África, montamos um escritório da Embrapa em Caracas, porque queremos levar a experiência da revolução da agricultura tropical, que aconteceu no Brasil, para outros países tropicais.

Ao mesmo tempo, convidamos vários países a serem parceiros do Brasil na ajuda ao desenvolvimento tecnológico nesses países mais pobres, para que eles possam produzir alimentos. Ao mesmo tempo, mostrei aos nossos parceiros do G-13, que faz exatamente cinco anos que o mundo está comendo estoque. Se você está comendo estoque e você não repõe esses estoques, um



dia vai faltar. Para isso não precisa ser economista, não precisa ser engenheiro agrícola, é só chegar em casa e perguntar para quem cuida da cozinha da casa de cada um de nós se não tem que, de vez em quando, abrir as gavetas e fazer uma listinha das coisas que estão terminando, porque será preciso ir ao supermercado comprar mais.

Então, é um desafio importante, porque nós temos condições de produzir todo alimento que o mundo precisa, em pouco tempo.

Jornalista: O Brasil?

Presidente: O Brasil, sobretudo. Eu digo nós e outros. Vamos supor que os países mais desenvolvidos, como na Europa, não queiram, até porque alguns deles, durante muito tempo, pagaram para as pessoas não produzirem. Eu já disse para vocês em outra entrevista: eu fiquei na casa de uma pessoa, na Itália, que ganhava dinheiro para não produzir um litro de leite sequer, era prejudicial produzir. Mesmo que esses países não queiram aumentar a sua produção, e a população também não aumentou muito porque tem mais planejamento familiar, porque o povo já se educou a ter um ou dois filhos, a verdade é que eu fico extremamente feliz quando fico sabendo que o mundo está comendo mais. Não comendo por gula, para ficar com obesidade, como o Clóvis Rossi, as pessoas estão comendo o que não comeram a vida inteira, as pessoas estão tendo acesso a arroz, pão, carne. Essa é uma coisa extraordinária e nós vamos brigar para que isso continue acontecendo. Quando eu vejo a pesquisa mostrando que no Nordeste brasileiro, a desnutrição teve uma redução de 74%, eu peço a Deus que o povo possa comer mais e que tenha zero de desnutrição. Então, o mundo vai continuar crescendo, as pessoas vão continuar comendo mais e nós temos, então, que produzir mais. Esse é o desafio que está colocado.

No Brasil nós lançamos o programa da agricultura, que é o mais



importante programa de safra agrícola já lançado no Brasil. Fizemos o programa para a agricultura familiar, que prevê um financiamento, até 2010, de 25 bilhões de reais. Vamos financiar 60 mil tratores. Fizemos um convênio com a Anfavea, em que os tratores serão reduzidos em 20% do custo. Vamos conversar com os governadores, para que eles possam reduzir o ICMS nos estados, que dá para baratear ainda mais. E na hora que nós levarmos tecnologia para a agricultura familiar, nós poderemos, em pouco tempo, dobrar a produção agrícola brasileira, já que a agricultura familiar é responsável por quase 70% de todo o alimento que nós consumimos. Fiz questão de dizer isso para as pessoas saberem que não estamos apenas fazendo discurso, que estamos tomando atitudes concretas nessa área.

E, ao mesmo tempo, levantei a questão da especulação financeira no mercado futuro. Também não se tem um diagnóstico definitivo sobre isso. Eu propus, inclusive, que as Nações Unidas pudessem coordenar um diagnóstico que pudesse ser assumido por todos os países, porque o que se tem de informação é que a especulação no mercado futuro de petróleo... Num primeiro momento, há dois meses, quando se conversava com um dirigente de um país, com um governante, quando se conversava com a Petrobras, com a PDVSA, com as empresas, a resposta era muito simplista: “A China está utilizando muito petróleo”. Era muito simplista.

O que nós, hoje, estamos assistindo? A especulação no mercado futuro de petróleo já tem a mesma quantidade de barris de petróleo que a China consome. Então, nós temos um consumo verdadeiro da China, e nós temos um consumo virtual, através do mercado futuro, da especulação.

Eu estou falando tudo sem que a gente tenha um diagnóstico preciso, que possa ser assumido por muita gente. Mas o que está ficando como impressão, e vai se consolidando cada dia mais, é que aqueles que tiveram a experiência de perder muito dinheiro com o *subprime* americano estão, agora, utilizando dinheiro dos fundos para especular com o petróleo, para especular



com alimentos.

Eu propus então que a ONU, através da FAO, pudesse fazer um diagnóstico preciso, e que isso fosse levado para os presidentes, em um momento, para que a gente, na hora que estiver de acordo com o diagnóstico, possa estar de acordo com as posições que nós vamos tomar, para evitar tanto a continuação do aumento do petróleo, porque é inconcebível o petróleo estar a 145. Não tem justificativa, entre você tirar o petróleo do fundo da terra ou do fundo do mar, levar a uma bomba de gasolina, não tem justificativa ele estar a 140.

Jornalista: O presidente concordou com essa proposta de diagnóstico?

Presidente: Bom, se não concordaram, não discordaram. O que eu acho é que eles também não têm todas as informações que nós precisamos ter.

Jornalista: O que foi pedido para o Fundo Monetário Internacional foi esse mesmo diagnóstico, durante o encontro dos ministros.

Presidente: Não para fazer apenas o diagnóstico. Eu sugeri ao Guido Mantega, na quinta-feira da semana passada, que sugerisse... Eu encontrei com o presidente do FMI aqui e sugeri a ele que o FMI precisa dar uma explicação para os governantes e para o povo sobre a questão da especulação na Bolsa de mercado futuro com o petróleo e com os alimentos. Esse diagnóstico tem que ser feito precisamente, para se saber quais as medidas que vamos tomar.

Jornalista: (inaudível) lado da oferta... do aumento da produção, Presidente. O senhor me permite, eu acho que uma reação positiva do diretor-geral ou presidente do Banco Mundial, que enfatizou a importância do financiamento



para fertilizantes e para sementes para países pobres.

Presidente: Eu tenho dito para os governantes que a continuação da política de favor para a África, ou seja, subsidiar o alimento nos seus países para vendê-lo mais baratinho para a África não resolve o problema. É preciso que a gente dê condições de os africanos produzirem os alimentos. Aí nós temos que garantir tecnologia, garantir semente e garantir financiamento. Nós temos que garantir o pontapé inicial. Como é que nós vamos querer que tenha democracia plena e sólida na África, se o povo não tem o que comer? Essa é uma coisa que eu acho que vai ter uma força muito grande nas discussões daqui para a frente.

E por último, nós entramos na questão dos biocombustíveis e na questão do clima. É outra coisa que entre os governantes se discute com muito principismo. Todo mundo é contra o aquecimento do Planeta, todo mundo é favorável a, até 2 mil e não sei quanto, reduzir em 30%. Agora, a verdade é que ninguém sabe, dentro do seu país, qual é a sua responsabilidade para reduzir o percentual? Eu comecei dizendo para eles o seguinte: nós temos um problema com a questão climática. Quem é muito industrializado e é um país de grandes consumidores, não quer mudar o seu padrão de vida, portanto, não quer diminuir o consumo. Veja se um americano quer abdicar daqueles carrões que quase precisam de uma refinaria em cima para atender o seu gasto. Não querem nem pensar em carro popular. De outro lado nós temos países como Brasil, China e Índia, que querem chegar ao padrão que eles têm. Queremos crescer, queremos indústrias, queremos produzir mais. E nós temos os outros, que querem comer. Como é que você pode dizer para o Haiti que o cara não pode cortar uma árvore, se ele não tem dinheiro para comprar gás e não tem nenhuma energia? Então, ele vai cortar a árvore para fazer comida. Como é que você pode chegar para um país pobre e dizer: “você tem que manter a sua floresta, você não pode fazer nada porque tem que contribuir para o



desaquecimento do Planeta”, se não se oferece em contrapartida o seguinte: “o não-desmatamento, a não-poluição tem um prêmio”. O prêmio, o que é? É ter acesso à tecnologia e ter indústria limpa para poder se desenvolver.

Aí, por coincidência, eu tive uma reunião com a Embrapa, na última semana, a respeito disso. Eu peguei o estudo de um instituto de energia dos Estados Unidos, que mediu a emissão de CO² no ano de 2005. O estudo foi importante, porque não é um estudo brasileiro, é um estudo feito nos Estados Unidos. Ele diz que em 2005, no mundo, tivemos uma emissão de 28 bilhões de toneladas de CO² jogadas no ar. Dessas, os Estados Unidos têm 5,6 bilhões, a China tem 5 bilhões e pouco, a Índia tem não sei quanto. Vai em uma escala, dando responsabilidade a cada país. É em função disso que você pode discutir metas.

Jornalista: E o Brasil (Inaudível)

Presidente: O Brasil tem pouquinho, por isso que eu quero mostrar para vocês. É em cima disso que nós precisamos discutir metas.

Jornalista: Na sua apresentação esses números foram mencionados?

Presidente: Foram mencionados, e aí houve até uma disputa para mostrar...

Jornalista: Isso que eu queria saber, a reação do presidente Bush, por exemplo.

Presidente: O Bush falou: “Fala quanto é que foi na Alemanha”. Aí eu falei da Alemanha. Aí, o Sarkozy queria saber o dele. Aí todo mundo saber o seu e eu fui marcando aqui o que cada um tem.

Nesses números todos, vocês vão perceber que o Brasil emitiu, em



2005, 360 milhões de toneladas de CO₂, o que representa apenas 1.28% do que foi emitido.

_____ : Menos que a nossa participação no PIB mundial.

Presidente: Em contrapartida, os Estados Unidos emitiram 21%, apenas para dar um exemplo.

Jornalista: Os parceiros do G-5, China e Índia, por exemplo...

Presidente: Eu vou ler para: Estados Unidos, 5.956 bilhões de toneladas...

Jornalista: É mais fácil a porcentagem.

Presidente: Depois eu passo para vocês. Vinte e um por cento, Estados Unidos, isso em 2005; China, 18%; Rússia, 6%; Japão, 4%; Índia, 4%; Alemanha, 3%; Canadá, 2,24%; Inglaterra, 2,05%; Coréia do Sul, 1,77%. Aí depois vem para baixo o Brasil, com 1,28%.

Se você pegar o mesmo estudo por habitante, você vai perceber que os Estados Unidos emitiram 20 toneladas por habitante e 710 toneladas por quilômetro quadrado. Você vai perceber que o Canadá, que no outro não aparece muito, aqui já aparece com 19 toneladas por habitante e 69 toneladas por quilômetro quadrado.

Jornalista: E a Holanda?

Presidente: Pega a Holanda... A Holanda emite 16 toneladas por habitante e 6.493 por quilômetro quadrado.



Jornalista: Mas o país é pequenino...

Presidente: Pois é, mas polui para caramba.

Jornalista: E por habitante, aqui...

Presidente: Por habitante, é 16. Você pega a Alemanha, são 10 toneladas por habitante, 2.635 milhões de toneladas por quilômetro quadrado. O Japão, vamos pegar o Japão. O Japão tem 9 toneladas por habitante e 3 milhões por quilômetro quadrado. E aí vai, eu vou deixar com vocês. O Brasil tem 1,9 tonelada por habitante e 42 toneladas por quilômetro quadrado.

_____ : Para fazer uma comparação mais fácil: Estados Unidos 20 toneladas e o Brasil, 1.9.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Eu utilizei isso aqui para chamar a atenção dos presidentes para o fato de que nós precisamos tomar decisão com base em números produzidos por instituições de credibilidade mundial, que todos nós tenhamos como referência. Ou seja, eu quero saber, concretamente, quanto é que a Alemanha emite e quanto é que o Brasil emite; quanto é que o Brasil seqüestra e quanto é que eles seqüestram.

Se nós tivermos esses números, por meio de uma instituição que seja respeitada por todos nós, fica mais fácil, então, a gente tomar as decisões para evitar o aquecimento do Planeta.

_____ : Só para completar, talvez: o interessante é que depois que o Presidente deu esses números, imediatamente veio a proposta de fazer, no



ano que vem, uma reunião, além daquelas que já foram mencionadas, uma reunião das maiores economias, agora com uma base numérica real, coisa que até hoje não tinha tido, nesse nível.

Presidente: Outro dado para vocês fazerem perguntas... Veja, o Brasil tem 85% de energia elétrica limpa, renovável. Do total da energia do Brasil, 46% é limpa. Noventa por cento dos carros produzidos são *flex fuel*, temos 64,9% da nossa floresta original e agora estamos introduzindo 2% de biodiesel no óleo diesel.

Então eu acho que se tratando de questão climática, de meio ambiente, as pessoas precisam ouvir o Brasil de vez em quando, por que nós temos feito – e eu não falei aqui que nós vamos fazer o levantamento – só os biocombustíveis já seqüestraram 640 milhões de toneladas de CO². O fato de plantarmos cana, porque...

_____ : O dobro do que a gente emite anualmente.

Presidente: O fato de a gente introduzir o álcool como combustível permitiu que a gente, desde a implantação do programa, seqüestrasse o equivalente a 640 milhões de toneladas de CO².

Jornalista: O Japão tem um problema de companhias, porque pelos seus dados, os parceiros do G-5, Brasil, China e Índia, emitem 23%, mais, portanto, do que os 21% dos Estados Unidos. Então, quando o presidente Bush diz: “Olha, eu não vou aceitar a meta de 50% de redução até 2050, enquanto a China e a Índia – ele não menciona o Brasil (Inaudível) –, também não se comprometeram com metas bastante ambiciosas”. Os seus dados, de alguma maneira têm uma certa...



Presidente: Não, é porque nós temos que fazer com que as pessoas assumam o compromisso pelo que já foi feito. Eu disse isso no meu discurso. Alguns países fizeram o que a China está fazendo hoje, no começo do século XX. A revolução industrial inglesa foi no século XIX. Então, tem gente com dívida para pagar. A China, o que você pode discutir, é que um país em desenvolvimento não pode parar de crescer. O que você pode é modernizar o modelo de crescimento. Agora, quem tem que pagar a conta são aqueles que já são responsáveis por terem emitido muito CO². Obviamente que eu, pelo menos, defendo que a gente não repita o modelo de desenvolvimento predatório que aconteceu no começo do século passado. Quanto mais limpo for o modelo de desenvolvimento da indústria, melhor para todos nós.

Não há contradição. O que eu acho é que você tem países que já resolveram parte dos seus problemas sociais e, portanto, agora estão navegando em águas tranquilas, e você tem países que ainda têm 700 milhões de pessoas passando fome e que, portanto, têm que crescer. Essa é uma diferença fundamental.

Jornalista: Presidente...

Presidente: Só uma perguntinha porque eu tenho um encontro agora com o primeiro-ministro Fukuda.

Jornalista: O senhor fala que o Brasil (Inaudível) em área de clima e de meio ambiente. Agora, no (Inaudível) aconteceu justamente o que o senhor estava falando (Inaudível) os jornais no Brasil estavam com a manchete de que estavam destruindo. É mais um anúncio de destruição e desmatamento da floresta no mesmo dia. Quer dizer...

Presidente: Não foi o jornal que deu...



Jornalista: (Inaudível)

Presidente: O jornal deu porque nós divulgamos.

Jornalista: O governo...

Presidente: É o governo que divulga mensalmente.

Jornalista: Sim, mas de qualquer forma...

Presidente: Os números com que a imprensa trabalha no Brasil, e essa é outra virtude do Brasil, os números com que a imprensa trabalha são os números divulgados mensalmente pelo Inpe e fazemos questão de divulgar porque nós queremos saber onde estamos errando, para podemos consertar. E esse é um trabalho.... Mas o fato de você ter gente que está contrariando a lei, e fazendo queimada, não significa que o Brasil não esteja certo na sua política de ser um país que emite pouco CO².

_____ : O senhor falou de zoneamento...

Jornalista: O senhor acha que não precisa de nenhuma medida...

Presidente: Nós já fizemos todas. Se você soubesse as medidas que nós tomamos. É que entre você tomar uma medida, mandar o projeto de lei para o Congresso e ele ser aprovado, leva tempo. O que nós fizemos por Mato Grosso? Nós fizemos, em uma parte do Mato Grosso, que não é toda região da Amazônia, para todos aqueles que desmataram ilegalmente, não vai ter financiamento para safra agrícola. Esse é um processo, um processo que nós



vamos vencer. Porque preservar os biomas brasileiros é extremamente importante para a humanidade, para a ciência. Agora, ao mesmo tempo, os mecanismos legais estão todos criados para que a gente possa diminuir.

Agora, quando a gente quer diminuir, não significa que eu vou prometer para ninguém que a Amazônia é o santuário da humanidade. Primeiro, a Amazônia é nossa, é do Brasil. Segundo, quando apresentamos a proposta do programa Amazônia Sustentável é porque nós trabalhamos corretamente. Há necessidade de você explorar o desenvolvimento da Amazônia, inclusive a madeira da Amazônia, com um manejo correto. Porque aí você não trará problema à natureza.

Mais uma pergunta. Uma só.

Jornalista: No ano que vem nós teremos, (inaudível) nos Estados Unidos, a reunião do G-8. Como o senhor espera que, com base nesses dados numéricos que o senhor pretende apresentar, essas decisões possam ser tomadas? O senhor imagina que com o novo governo americano, uma nova linha, novos candidatos (inaudível), haja um avanço dessa questão, sobre metas mesmo?

Presidente: Independente de quem venha a ser o governo dos Estados Unidos, ou o governo do Brasil, ou o governo da Alemanha, ou de qualquer país, a verdade é que este tema ganha cada vez mais força, porque não depende apenas de governo, depende da organização da sociedade, da cobrança dos meios de comunicação, da cobrança da universidade. E obviamente a cada dia que passa nós vamos ter uma pequena evolução para que a gente evite o aquecimento do Planeta.

No mais, companheiros, eu preciso sair porque o primeiro-ministro Fukuda está me esperando. Um abraço.

(\$31DGJLQ)